

GEOGRAFIA E TURISMO – ESPAÇOS PARA A EDUCAÇÃO

Geography and Tourism – spaces for education

Geografía y Turismo – espacios para la educación

Juliane Magagnin Da Soller*
Antonio Carlos Castrogiovanni**

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul –julimdasoller@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – acastrogiovanni53@gmail.com

Versão online publicada em 23/03/2022 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>).

Como citar esse artigo: SOLLER, J. M.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e turismo: espaços para educação. **Para Onde!? Edição Especial - Geografia(s) do Turismo**, v. 16, n. 02, p. 189-212, 2022.

Resumo:

O presente texto traz uma nova desembocadura para o mar por onde navegamos na pesquisa da dissertação. Essa pesquisa teve como objetivo central o estudo da relação do Turismo com a Geografia, considerando-se o papel do Ensino da Ciência Geográfica na leitura da paisagem e na construção do lugar, principalmente sob o olhar do turista. Empregaram-se os conceitos geográficos e a teoria das representações sociais. O método utilizado foi o da Complexidade com os seus princípios norteadores apontando para leituras provisórias. Aceitando essa provisoriedade, chegamos neste artigo, a outros portos, que compreendem a importância de trabalhar o Turismo na educação formal no Ensino de Geografia. O estudo foi ambientado em Garopaba, município litorâneo do estado de Santa Catarina. Através da pesquisa qualitativa, realizamos entrevistas episódicas com sujeitos turistas, moradores e professores de Geografia, bem como realizamos observações de campo. Notamos que o ensino de Geografia de qualidade, que estuda as paisagens a partir de suas gêneses, favorece a leitura valorativa do patrimônio que compõe os diferentes lugares. Mostrando-se, assim, importante no comportamento dos turistas para com o local visitado e para com os atores locais. Pensamos, neste momento, que, se queremos proteger o local e seus atores, precisamos também redefinir a rota de navegação e ancorar nas escolas locais, a fim de fortalecer a educação do Turismo para as comunidades receptoras.

Palavras-chave: Geografia e Ensino. Turismo. Ensino para o Turismo. Complexidade. Leitura da paisagem e Lugar.

Abstract:

This study presents a new branch developed from a previous master degree research. The aim of such research was an investigation of the relationship between Tourism and Geography, considering the role of Teaching the Science of Geography in the reading of landscape and the construction of the place, especially under the tourist's gaze. Concepts from Geography as well as from social representation theory were used. The method was the Complexity one, with its principles pointing at temporary readings. By accepting this temporality in this paper, we have reached the importance of teaching Tourism in the formal education of Geography. Placed in Garopaba, a town on the coast of Santa Catarina, Brazil, through qualitative research, we have held narrated episodic interviews with tourists, locals and Geography teachers, and made field observations. The high-quality teaching of Geography, one that analyses landscape through its genesis, facilitates valuable readings of patrimonies that are found in different places, being important for the tourist behavior, for the local visited and for its people as well. At this

moment, we think that if we want to protect the place and its local actors, we also need to redefine the navigation route and anchor in local schools, in order to strengthen Tourism education for the host communities.

Key-words: Geography and Teaching. Tourism. Teaching for Tourism. Complexity. Landscape Reading and Place.

Resúmen:

El presente texto abre una nueva línea de investigación, siguiendo aquella que tuvo lugar en el trabajo final del máster, cuyo objetivo principal fue la relación entre Turismo y Geografía, teniendo en consideración el rol de la Enseñanza de Geografía en la lectura del paisaje y la construcción del lugar, sobretudo desde la perspectiva del turista, empleando los conceptos geográficos y la teoría de las representaciones sociales. La metodología empleada fue la de la Complejidad, con sus principios guía apuntando hacia lecturas provisionales y, aceptando el carácter provisional de dichas lecturas, hemos alcanzado nuevos puertos que entienden la importancia de introducir y trabajar con en Turismo en asignatura de Geografía impartida en la educación formal. Ambientada en Garopaba, localidad costera del estado de Santa Catarina, con la investigación cualitativa se hicieron entrevistas puntuales con sujetos turistas, vecinos de la localidad y profesores de Geografía, así como, observaciones de campo. Se observó que la enseñanza de calidad de Geografía, dedicado al estudio del paisaje a partir de sus orígenes, favorece una lectura de valor del patrimonio que compone los distintos lugares, lo que le atribuye importancia en lo que toca el comportamiento de los turistas con relación al lugar visitado y los actores locales. Ahora mismo entendemos que, sí queremos proteger el lugar y sus actores, necesitamos redefinir la hoja de ruta y sentar anclaje en las escuelas locales, con el objetivo de fortalecer la educación del Turismo para las comunidades receptoras.

Palabras clave: Geografía y Enseñanza. Turismo. Educación del Turismo. Complejidad. Lectura del paisaje y Lugar.

1 Introdução

Trabalhando com o Paradigma da Complexidade, sorrimos, mesmo depois de finalizada uma dissertação, quando aparecem respostas novas às nossas inquietações, e embarcamos, assim, no princípio da reintrodução do conhecimento. Além disso, desejamos que essas novas respostas estejam abertas para se retroalimentarem dos questionamentos que lhes deram origem e, desse modo, estabelecerem novas perguntas, ou possibilitar olharmos as mesmas questões por diferentes espectros em um anel recursivo do próprio estudo.

Ao realizar a pesquisa de mestrado no município litorâneo de Garopaba, no estado de Santa Catarina (SC), centramos nosso olhar no comportamento do turista através do papel do Ensino de Geografia na leitura da paisagem, assim como nas considerações para o turista se lugarizar. Para isso, dentro da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009) além de observações de campo, análise de documentos e revisões teóricas, realizamos entrevistas episódicas individuais com 25 sujeitos divididos em quatro grupos: turistas/veranistas, atores locais do Turismo, professores de Geografia e quem nunca foi ao município. Partimos das seguintes questões: A leitura da paisagem geográfica interfere na relação do sujeito-turista com o local e seu patrimônio? É possível o turista se lugarizar? Qual a relação do Turismo com o Ensino de Geografia nesse contexto?.

A partir do relato de duas professoras de Geografia, das quatro entrevistadas, descobrimos que o sonho de alguns dos adolescentes locais era ser caixa do supermercado da região. Descobrimos também que o Turismo não era trabalhado nas escolas, a não ser como item dentre os fatores econômicos. Amparados em Castrogiovanni (2004), Costela (2008), Da Hora e Calvacantti (2003), Oliveira (2010), Peccatiello (2005), investigamos o papel do Ensino de Geografia para trabalhar o Turismo e propusemos que fosse algo transversal às disciplinas, ainda que ressaltando a ligação estreita que há entre Geografia e Turismo. No entanto, não nos debruçamos sobre questões que ficaram, cada vez mais, inquietas dentro de nós: Por que não se trabalha o Turismo nos ensinos fundamental e médio, principalmente em cidades turísticas? Por que a escola continua não sendo parte da vida vivida, do contexto atual local, das representações sociais que se tem das próprias identidades? Por que as representações geográficas do espaço, incluindo o espaço turístico de municípios que têm o Turismo cuja fonte social-cultural-econômica, na maioria das vezes, ainda permanecem fora da discussão acadêmica e do levantamento das oportunidades engendradas nas redes locais-globais? Como trazer o tema do Turismo para as escolas, e será a Geografia um território fértil para tanto? E talvez a mais importante pergunta para nós nesse momento: será que trabalhando o Turismo na escola podemos fortalecer a autoestima da comunidade receptora, fazendo-a acreditar no seu potencial e a preparar para se beneficiar cultural e economicamente com a atividade?

Nesse sentido, este artigo busca tecer o Turismo e a Geografia ao trazer um recorte da dissertação de mestrado. Busca, igualmente, trazer à luz a dialogicidade do Turismo enquanto tema transversal na escola, mas com base no Ensino de Geografia, ainda que reconhecendo-se a importância das demais disciplinas nesse processo. No que tange ao tema do artigo, nos reportaremos à Geografia, ao Turismo e ao Ensino de Geografia com letra maiúscula. Por estarmos inseridos no Paradigma da Complexidade, nesse momento, aceitamos a provisoriedade das verdades e contamos com a presteza do leitor para ler todas as afirmações desse texto como provisórias.

Cabe ressaltar que, por a atividade turística ser, cada vez mais, crescente em nosso país (ainda que salvaguardando sua movimentação decrescente no momento atual da pandemia) e em nossa cultura ocidentalizada, parece-nos que as contribuições da Geografia, focalizadas, mais especificamente, no Ensino de Geografia, são também importantes para o tema abordado. Visto que, elas podem ser enriquecedoras no estar-ser turista, bem como no ser-estar da comunidade receptora. Considerando que, para atuarmos de forma reflexiva e crítica, sendo sujeitos-cidadãos em nossos lugares e em novas paisagens, precisamos conhecer e sermos capazes de interpretar o mundo, identificar os movimentos do/no espaço. Concebendo a Geografia como a ciência que busca a compreensão do espaço produzido pela sociedade, é nessa geografia – escrita (grafia) da terra (geo) – que produzimos, organizamo-nos, viajamos e nos

relacionamos com Outros sujeitos, com seres vivos e objetos, dando significados às nossas ações e às nossas emoções, às nossas paisagens e aos nossos lugares.

Em referência ao tema da pesquisa, nos reportaremos à Geografia, ao Turismo e ao Ensino de Geografia com letra maiúscula. Bem como, por assumirmos o Outro como legítimo Outro na-da-pela relação com o sujeito, o ressaltaremos com letra maiúscula também.

2 A geografia, o turismo e a dissertação: os espaços da viagem

A Geografia estuda o espaço geográfico. Compreendemos, nesse momento, que o Turismo, em um movimento tanto retroalimentar quanto recursivo, (re)produz o espaço geográfico na sua complexidade. A interface do Turismo e da Geografia, parece-nos, estabelece-se tanto pelas alterações objetivas que incita, quanto por sua mediação simbólica na relação dos sujeitos com o espaço. Seus produtos concretos influenciam o modo como um local se articula com outros e com a ordem global. Em suas relações, essa interface costuma instituir valores e significados para os lugares e nortear a estética a ser apreciada e consumida das respectivas paisagens.

Nesse universo, tende a haver uma relação indissociável entre o que existe e o que vemos da sua existência, o que se refere à nossa visão de mundo. Os significados que damos às nossas experiências sociais e individuais são conjugados no espaço-tempo que vivemos, e costumam ser potencializados pelos valores da época. Os quais, por sua vez, na sociedade ocidental atual, tendem a estar imbricados com as imagens que a comunicação simula. Uma vez que essa comunicação tem o **poder** de atualizar valores, fluxos e fixos, conhecimentos e representações sociais nos espaços cotidianos e também nos turísticos, pensamos nas contribuições do Ensino de Geografia para o entendimento, provisório, desses processos. O Ensino de Geografia, ao fomentar a leitura e a compreensão do patrimônio a partir de sua identidade, indo além do que é veiculado na comunicação – habitualmente, de forma superficial –, pensamos, pode enriquecer o estar-ser turista, bem como, o ser-estar da comunidade receptora.

O estudo que realizamos, com o intuito de investigar a relação do Turismo com o Ensino de Geografia, teve como guia o método do paradigma da complexidade (MORIN, 2000a). Nele procuramos reunir significados relativos ao lugar turístico e sua paisagem e ao Ensino de Geografia e das representações sociais, colocando-os em diálogo para que possam se complementar no contexto do estudo. Pensamos que, dessa forma, temos uma dinâmica retroalimentar, que visa ser produtiva no intuito de compreender o espaço turístico. No entanto, para esse artigo, alguns dos conceitos trabalhados na dissertação, como paisagem, lugar (e entre-lugar) e representações sociais serão apenas pincelados. Assim, focando nas relações que podem ser suscitadas a partir da atividade turística no

espaço geográfico, conjugadas ao Ensino de Geografia.

No processo da dissertação, utilizamos a metodologia da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009) para responder nossas questões, com a técnica das entrevistas episódicas e das observações de campo. Com esses procedimentos, levantamos e analisamos as noções de espacialidade e de temporalidade na leitura da paisagem; verificamos se os conhecimentos geográficos aparecem e qualificam ou não essa leitura, assim como, as representações sociais e ideológicas inseridas nos olhares de quem lê. Por fim, verificamos se essa leitura está associada às possibilidades dos sujeitos turistas se lugarizarem. Quiçá, também ponderamos que, ao aprendermos e nos envolvermos com a paisagem dos locais visitados, em uma espiral retroativa, vamos cuidar da paisagem do nosso local de origem.

Nosso espaço de estudo ocorreu no município de Garopaba (SC) (Figura 1), destino turístico ambientado prioritariamente nas praias marítimas. Focamos nosso olhar para os turistas e moradores que participam desse Turismo Litorâneo; para os sujeitos-professores do Ensino de Geografia nas escolas da rede pública local, pela relação da pesquisa com o Ensino; e para sujeitos que não conhecem o município, no que tange à investigação das representações sociais.

Figura 1. Mapa de localização de Garopaba/SC



Fonte: Elaborado pelos autores, 2012.

O lugar turístico Garopaba apresenta um patrimônio natural e cultural próprio de sua localização. Há grande atratividade, uma vez que o Turismo de Praia e Mar é um dos destinos mais valorizados nas representações sociais. Segundo Rodrigues, “[...] a natureza, em especial o litoral, é o recurso turístico mais explorado pelo capitalismo a partir da segunda metade deste século” (1999, p. 113).

3 O espaço geográfico e o turismo: os espaços do encontro

Compreendemos, nesse momento, que o Turismo se constitui por encontros. Encontros envolvem, prioritariamente, (des-re-)locamentos e relações que despertam comportamentos, intencionalidades, desejos e fantasias. Envolvem também uma composição estética do sujeito e do lugar para estar-ser nesses encontros. Os encontros do Turismo são do tempo presente, como os eventos (SANTOS, 2008) que, ao acontecerem, marcam o espaço. Sendo, simultaneamente, uma matriz temporal e espacial.

Consideramos significativas para a análise complexa do Turismo as relações entre os sujeitos e o espaço (MENESES, 2002). Interações, harmônicas ou não, que se estabelecem nos possíveis (des)encontros e que sustentam formas materiais e simbólicas em múltiplas representações e imaginários. São essas interações promovidas pelo Turismo no espaço geográfico que tecemos também com o Ensino de Geografia. Buscamos, nesse momento, que as interações/relações que se estabelecem na atividade turística promovam encontros prazerosos, interessantes, que inspirem uma rica leitura da paisagem e conduzam ao respeito pelo lugar.

[...] no turismo, como em outras faixas da cultura, o que está em pauta, em última análise, não são bens, sentidos e valores. São as relações entre os homens. O tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgamos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optamos (MENESES, 1999, p. 99).

O fenômeno do Turismo parece ser complexo e, portanto, um tecido que une o social, o cultural, o múltiplo, o fluido em suas fronteiras, tanto as políticas, quanto as pessoais, e o fixo em suas estruturas produzidas para o consumo do visitante e para o (des)envolvimento da população que o recebe.

Ao pensarmos nas relações que podem emergir desse tecido, quando compreendemos que complexo é, de acordo com Morin, “o que se tece junto” (2000a, p. 31), situamos a atividade turística e suas interações em um princípio dialógico. Este busca distinguir para unir o que é (ou parece) contraditório: as geografias, a geografia, a história e a matemática, o particular e o universal, as demandas ambientais e as demandas econômicas, o sujeito e o coletivo, a razão e a emoção, o tempo e o espaço.

Acreditamos, provisoriamente, que o espaço geográfico é rico por seus

variados movimentos, os quais se lançam em distintas direções, mas que se complementam também pela dialogicidade dos acontecimentos que o ocupam e que compõe a vida local. É nesse espaço de “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, que interagem, solidariamente e contraditoriamente, mas interagem sempre” (SANTOS, 2008, p. 73) que os eventos se concretizam, se relacionam e/ou se isolam. Na medida em que, esse espaço geográfico tem vida, gera mudanças e é modificado pelos (des)encontros dos sujeitos, resignificando-se por acréscimos, reduções e substituições.

Os encontros espaciais e temporais que formam o mosaico de composição complexa do Turismo exemplificam um modo de nos relacionarmos com o mundo (PIMENTEL, 2010), de transformar e de representar o espaço geográfico e as paisagens visitadas, ambientando o Turismo na Geografia por seu estar-fazer-(trans)formar-ser no espaço.

A composição das experiências/vivências no fenômeno turístico tem como fundamento uma noção espaço-tempo que caracteriza uma geograficidade. São (e)feitos de eventos enquanto possibilidades do acontecer do mundo no lugar (SANTOS, 2008), com desencontros nos encontros que afirmam sua dialógica.

Na interface com o Turismo, o espaço geográfico pode também ser considerado como algo que, pelo menos em parte, é construído e recontextualizado pelos sujeitos envolvidos na prática turística, a partir das relações e das contradições que tecem com o local, com o global e com as suas manifestações sociais em um determinado tempo (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTROM, 2001, p. 254). Assim, o Turismo é uma atividade que vem de dentro da sociedade e a retrata no seu espaço geográfico (CASTROGIOVANNI, 2004).

Na atual dita globalização, a relação local/global e sua recursividade, adensam-se, em muito, pelas informações, que parecem não parar de chegar de forma intensa, além de trazer a provisoriedade das verdades. A informação veiculada nas redes tem a tendência de estruturar as relações que representam nossa sociedade. Essas redes, cada vez mais intencionais e alargadas, parecem coabitar e ligar as paragens mais distantes, direcionando os locais para suas lógicas hegemônicas, acompanhadas pelas representações sociais, que se intensificam ao se comunicar e atravessam as fronteiras.

As interações experienciadas, sejam pelos turistas, sejam pelos empreendedores e contratados, por mais diversas que sejam – posto que são ancoradas no intertexto de cada sujeito – pensamos, trazem as imposições da cultura hegemônica agregadas. Essa prática está intrincada com a relação espacial da atividade, na medida em que seus reflexos variam no contexto relacional do local/global.

Com essa dinâmica, muitas vezes nos sentimos muito próximos uns dos outros e em contato com as informações e modas globais. Isso proporciona que o espaço alcance aspectos mais variados na vida social, e que o

cotidiano dos sujeitos se enriqueça e concomitantemente se dilua. Ao mesmo tempo-espaço, parece-nos que essas redes que nos conectam ao mundo e ao Outro, acabam por nos afastar, um tanto, de nós mesmos, talvez pela avalanche de dados que ocupam um espaço antes destinado à existência no cotidiano compartilhado das relações sensíveis. Por relações sensíveis queremos remeter às conversas tecidas sem pressa, com troca de olhares, em que sonhos, acontecimentos ordinários, descobertas, identidades e compreensões são compartilhadas. Essas relações sensíveis também ocupam e significam nossas identidades, que (trans)formam o espaço, que valoram as paisagens de cada sujeito.

A Geografia Cultural mostra que participamos de um duplo sistema de distâncias: a do espaço físico e a dos espaços psicológicos (CLAVAL, 1999). O espaço, enquanto tecido físico, pode ser transposto pelos deslocamentos, pela comunicação, pelas técnicas atuais cada vez mais especializadas. Já o espaço psicológico parece ser alargado ou aproximado pelas semelhanças dos sistemas e patrimônios materiais e imateriais quando estes se encontram.

Quando temos a chance do diálogo pelo encontro ou pela comunicação, podemos descobrir que o que nos aproxima tende a ser “infinidamente maior do que aquilo que nos coloca em oposição – o que abre caminho para reinterpretações dos sistemas simbólicos” (CLAVAL, 1999, p. 72) e das representações sociais associadas à cultura hegemônica.

O Turismo pode incentivar esse estreitamento da distância em ambos os espaços: no físico e no psicológico, por inserir sujeitos de diferentes grupos em uma rede de contato. A aproximação parece-nos ser importante para revisar escalas de valores e as colocar em dúvida, para vivenciar as diferenças, para compreender o Outro, para questionar os agendamentos. Pensamos que construímos nosso espaço a partir de parâmetros sociais que aceitamos, adaptamos ou rejeitamos. Parece-nos que não podemos compreender nosso mundo interior sem a articulação com essa vida social.

É importante sabermos que, para conhecermos o Espaço Turístico, devemos compreender as relações, que são estabelecidas, sendo necessário aprendermos que devemos reaprender incessantemente, ou seja, aplicarmos o Princípio da Reintrodução, pois o Espaço Turístico é dinâmico e tende a acompanhar o movimento social (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 92).

Ressaltamos também a importância do Ensino de Geografia por fomentar, nesses encontros turísticos, e através de uma leitura das paisagens em sua gênese e em suas transformações contextualizadas, a contestação das formas agendadas. Desse modo, indo além do discurso descomprometido dos espaços racionais de Turismo, bem como, questionando-o no intuito de descobrir, em primeira mão, as pré-concepções dos destinos turísticos que nos vendem quando estamos turistas. Pensamos que, talvez, com uma leitura complexa da paisagem, o

turista possa encontrar seus caminhos que promovam a lugarização e desfazer as imposições culturais hegemônicas, quando estas não os servem.

O Ensino de Geografia ainda tem realçado seu papel para a população que se organiza e recebe os turistas, para que essa possa conhecer seu lugar e se conhecer, conhecer suas identidades e suas paisagens. Para que possa, além disso, discutir transversalmente o que é o Turismo, a fim de, mesmo que provisoriamente, compreendê-lo e compreender as articulações engendradas no espaço de cada um e de todos. E, assim, estabelecer uma relação saudável com a atividade e enriquecer seus modos de vida.

Porém, temos observado, em nossas experiências profissionais com o Turismo e em literaturas, que esses encontros muitas vezes não são qualificados para amparar relações saudáveis entre os turistas e os sujeitos do local visitado, para gerarem conhecimentos, descobertas, valorizações patrimoniais, identitárias, e, até mesmo, um mundo melhor. A educação geográfica contextualizada na Geografia Cultural talvez possa nos dar a base para que essa aproximação seja qualificada na construção dos nossos mundos interiores, a fim de que sejam questionadores da realidade apresentada, fortes em seus processos identitários criativos para a interação com os diferentes, e solidários com os outros **mundos**. Pois, como aponta Claval, “a abordagem cultural sublinha, como mostrou Augustin Berque (1990), que a construção dos indivíduos e das coletividades se efetua em ambiente que ele deve compreender e interpretar” (1999, p. 69).

Mesmo com as suas racionalidades e irracionalidades, integrando horizontalidades e verticalidades, o espaço turístico pode proporcionar uma saudável estranheza do lugar de cada um na negociação do espaço do eu com o do Outro. Segundo Crouch: “Ao encontrar o espaço, o turista também encontra o seu, ou a si mesmo” (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTROM, 2001, p. 255, tradução nossaⁱ).

A estranheza dialógica transversal, que relaciona o Turismo e o Ensino de Geografia, é uma possibilidade cognitiva de curiosidade em (des)cobrir a paisagem, de nos relacionar com o lugar, com os Outros e com nós mesmos. Dessa forma, lugarizando-nos, indo além da aparência do lugar, o que pode nos levar a repensar as racionalidades hegemônicas, tanto quanto as nossas responsabilidades para com o mundo quando sustentadas por um conhecimento significativo.

Na comparação do lugar com o lugar do Outro, nesse espaço turístico que negociamos, que pode nos lugarizar, há um desequilíbrio na autorreflexividade que parece mobilizar nossas estruturas mentais, elevando os processos cognitivos.

É nesse contexto que pode haver o dito “conhecimento leigo, ou, em termos de espaço, uma leiga geografia” (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTROM, 2001, p. 255, tradução nossaⁱⁱ), com referência aos

contextos e representações que produzem sentidos na própria geografia do sujeito-turista. Para os autores, o mundo do turista, ao se configurar e seguir se reconfigurando no processo da atividade, gera conhecimentos que podem ser significativos para o reconhecimento dos lugares, formando, assim, uma narrativa particular da viagem (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTROM, 2001).

Na complexidade e na integração do espaço turístico é que está a dialógica do estar-ser-aprender do sujeito-turista, do viver-ser-trocar do sujeito-habitante que recebe o turista, do local e do global.

Afinal, o que queremos com o Ensino de Geografia, com a educação? O que queremos com nossas pesquisas, trabalhos, reflexões? Essas questões terão diferentes respostas, tantas quantas forem os sujeitos as ponderarem. Contudo, pensamos que parte significativa dessas respostas se voltará para um mundo melhor e nos conduzirá a uma consciência planetária. Com Morin (2000b) aprendemos que a consciência planetária está em reconhecermos tanto nossas identidades individuais, quanto a terrena, para humanizar a humanidade. Compreendendo, assim, que todos temos a mesma origem e o mesmo destino, que o Planeta Terra é onde todos habitamos, e que o futuro da vida, tal qual a conhecemos, depende, em muito, de nós. Acreditamos que a perspectiva da consciência planetária toca no que cada um de nós pode fazer, nossas responsabilidades, nossas compreensões, nossa postura cidadã diante do mundo e das relações que estabelecemos.

4 A paisagem, o lugar, as representações sociais: os atrativos dos espaços

Acreditamos que ler a paisagem é “muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário” (CASTROGIOVANNI, 2003, p. 47, grifo do autor). Nossa leitura da paisagem é uma construção contínua, social e particular, em que se sobrepõem conhecimentos, simbolismos, representações e sentimentos, pois, sugerimos, que nós, enquanto sujeitos, também somos paisagens, e, como toda paisagem, somos inacabados.

Por esse conteúdo misto e relacional, as lembranças e conhecimentos de Geografia podem estar contidos no olhar de quem lê a paisagem. A paisagem em sua complexidade apresenta dialógicas imbricadas nos fenômenos de sua conceitualização, de sua contemplação e de seu aspecto relacional: forma/conteúdo; objetivo/subjetivo; realidade/representação. Tais dicotomias permanecem em contato retroalimentar, sem que uma aniquile ou empobreça o olhar sobre a outra, já que constituem uma totalidade dialógica que cria a própria existência, aproximando o espaço vivido do percebido, o científico da emoção.

Nessa compreensão de paisagem, consideramos que o patrimônio cultural, material e imaterial, tanto faz parte da, quanto dota de significado

a paisagem. O patrimônio cultural, relacionado ao Turismo, que compreendemos estar associado à identidade de um local, assume seu significado quando incorporado pelos sujeitos em suas compreensões e interações socioambientais.

A cultura parece ser caracterizada na continuidade de seu processo, assim como os valores que instituímos às paisagens, sendo construída e combinada entre os sujeitos de uma sociedade. Por combinada, queremos remeter ao conceito de cultura que se assemelha ao das representações sociais, as quais se formam e se fortificam no senso comum através das verdades comunicadas informalmente entre os sujeitos.

As representações sociais são designadas por Moscovici (2003) como uma “atmosfera” que envolve uma sociedade, permitindo a continuidade da comunicação e organizando o mundo comum. São conjuntos de saberes sociais, proposições elaboradas e compartilhadas que habitam o cotidiano de cada um, visto que são geradas na vida social e propagadas pela comunicação.

Acreditamos que as representações sociais são parte constituinte da lógica do Turismo, do patrimônio cultural e de seu espaço geográfico. Por serem construções sociais edificadas a partir do senso comum, são facilmente corporificadas e passam a interferir nos comportamentos dos sujeitos, na construção do conhecimento, nas leituras das paisagens realizamos e significamos.

Por isso, na dissertação, também trabalhamos com as representações sociais, pois pensamos que os destinos turísticos são escolhidos, em grande parte, a partir dessas representações e de suas ideologias, que têm, nos meios de comunicação, um dos principais canais de sua propagação. Ainda acreditamos, nesse momento, que essas mesmas representações sociais criam uma imagem de nós mesmos enquanto grupo social, justificando, assim, muitas de nossos comportamentos e ações.

A globalização da circulação e dos agendamentos nos insere nas representações pré-concebidas dos espaços turísticos. Um conjunto de imagens e expressões é oferecido antes da viagem realizada. Está presente aí a ideia de uma anterioridade, entre o que vai ser vivido e o que acaba sendo experimentado de fato na viagem turística. Moscovici (2003) alerta que, a partir das representações sociais, julgamos e criamos uma imagem das pessoas e dos objetos antes mesmo de estabelecermos uma relação com eles. Criamos sonhos, imaginários. Nesse sentido, temos a tendência de querer confirmar essa imagem, e nossas informações costumam ser deturpadas a partir do julgamento prévio estimulado pelos meios de comunicação. O que nos gera mais uma indagação: e se a comunidade receptora fosse o agente do Turismo local, qual a representação de si e de seu patrimônio se criaria aí? Se a comunidade se apropriasse dos seus atrativos, da sua geografia e da sua história e se colocasse como importante elo de toda essa cadeia, contando sua cultura com autoestima elevada, como seria?

A realidade empírica tende a estar impregnada de valorizações e significações atribuídas pelos sujeitos em seu cotidiano e em seus eventos. Todo ambiente que envolve um sujeito ou um coletivo, seja físico, social, cultural ou imaginário, parece influenciar sua conduta. A prática turística, através de seus movimentos que provocam (des)encontros, requisita que os sujeitos e as coletividades aproximadas saibam entender as lógicas do Turismo e dos espaços geográficos para poderem se lugarizar e se realizar, tanto sendo turista quanto sendo comunidade receptora.

Compreendemos, nesse momento, que o lugar de um sujeito é o seu ninho tecido por vínculos afetivos. É um local de referência cultural, de identidade e de carinho individual. Aninhados no lugar concreto, sentimos acolhidos e o dotamos de significado em uma construção mediada pela intimidade, em que a materialidade do lugar é enlaçada simbolicamente com imaterialidades.

O espaço tende a se transformar em lugar à medida que é vivido e significado por um sujeito e/ou por um coletivo, adquirindo personalidade e identidade. Desse modo, parece-nos que o lugar deve ser apreendido como um movimento de relações, nas quais os próprios lugares vão se (des)(re)fazendo e significando suas paisagens.

Com isso, temos que a percepção, o histórico e os conhecimentos de cada sujeito, por meio da experiência, constroem o lugar. Em decorrência disso, acreditamos, nesse momento, que o sentido e o sentimento com que o sujeito recobre seu lugar podem se propagar também nas demais leituras do espaço. O sujeito parte de seu lugar para interpretar o mundo, ler o espaço e suas paisagens: “É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 2010, p. 112).

Compreender o lugar parece ser aproximar-se da história e da geografia, da memória social e individual, contextualizar o acontecer em um tempo e um espaço cotidiano, assim como, sua localização no conjunto do espaço-mundo. Com Santos (2008), indicamos, nesse momento, que, na atual época da fluidez, precisamos redescobrir o lugar com seus novos significados e sua história.

Os Sujeitos, ao viverem o Espaço Turístico, o (re) constrói através de múltiplos '*pertencimentos*'. Esta relação de '*pertencimento*' *lugariza* o espaço e, parece que assim, vai sendo construído o que entendemos por Lugar *turístico*, ou não? O Lugar turístico teria mais densidade de pertencimento, *de sentimento em constituir o espaço* do que o Entre-Lugar *turístico* (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 177, grifos do autor).

Igualmente, trabalhamos, na pesquisa, o conceito de entre-lugar, apoiado em Castrogiovanni (2004). Se o lugar seria nosso ninho, o entre-lugar seria aquele voo em que pousamos em algum local, mas não nos apropriamos do espaço, porque não nos colocamos em um movimento de integração e de retroalimentação com o meio. Entendemos que o entre-

lugar turístico é onde o turista pode ser visto e ver, em menção ao Turismo como moda e de status social, pois, no lugar turístico, ele extrapola com essas aparências. Há outra afinidade com o lugar, que vai além da sua superfície estética.

A preposição “entre”, usada em complemento a lugar, referencia a passagem pelos locais. Nessa passagem, também produz encontros, tecendo pontos de interconexão. Porém, esses pontos tendem a ser pouco sólidos, não sustentando uma rede de trocas, uma rede de transformações autônomas e coletivas, não havendo uma compreensão do local.

O entre-lugar nos parece ser o espaço onde, na relação com o Outro, o lugar do “Outro” é negociado e assimilado ao “meu”, sem que haja a efetivação da ancoragem e da objetivação desse lugar, ficando, assim, restrito a suas representações e aos imaginários coletivos. O espaço turístico tecido pelos movimentos momentâneos de sujeitos imbuídos de representações sociais, que mobilizam interrelações plurais, tendem a produzir os (entre)lugares diferenciados no local visitado. Nesse contexto, os sujeitos-turistas potencializam comportamentos e paisagens em si e nos Outros com quem se relacionam. Estes, por sua vez, são tanto possibilitadores da (entre)**lugarização** do turista, a partir do espaço vivido e apreendido, quanto de certa estranheza (positiva e negativa) do nativo para seu próprio lugar, que, recorrentemente, coloca em xeque sua identidade e suas paisagens.

Pensamos, nesse momento, que a identidade parece não se referir a uma essência permanente, mas a situações e interesses movediços, assim como às paisagens. Acreditamos que a identidade e a paisagem de uma população e do seu lugar, é sua referência, na qual se apoia para se encontrar com o Outro e com o novo.

5 Turismo no ensino de geografia: os espaços de conhecimento e da transversalidade

O Turismo enquanto um campo do conhecimento, e, portanto, que solicita pesquisas e estudos, consolidou-se no século XX, quando diversas áreas do conhecimento, por diferentes meios acadêmicos, voltaram-se para o fenômeno. Uma de suas riquezas está nessa pluralidade de olhares que atingiu, que possibilita o emprego de métodos e conceitos de muitas ciências já consolidadas (RODRIGUES, 1999). Parece-nos que o interessante é estimular esse processo de compreensão transdisciplinar que implica a complexidade da prática turística no saber-fazer e no saber-saber para um fazer-saber mais inteligível e planejado.

Parece-nos também que transpor os limites rígidos entre as disciplinas, como sinalizado pela Geografia Cultural, faz-se necessário, por acreditarmos, nesse momento, que a fragmentação do conhecimento empobrece a apreensão da complexidade. Trata-se do princípio do conhecimento do conhecimento, em que, à medida que conhecemos de forma integrada, estamos aptos a conhecer mais, pois a visão fragmentada

frequentemente isola e nos impossibilita de religar as partes.

As reflexões acerca do Turismo se processam a partir dos fatos resultantes de suas práticas, que acabam por constituir um “fazer-saber” e não um “saber-fazer” (MOESCH, 2002). Os fatos, quase sempre realçados por seus impactos econômicos, não têm reveladas suas consequências amplas na sociedade.

Não descartamos que é através dos índices de crescimento econômico que a atividade ganha respaldo nas políticas públicas e em muitos debates. No entanto, por sua complexidade, há a necessidade de tornar a pesquisa em Turismo mais efetiva e científica, ampliando as possibilidades de análises com enfoques sociais, culturais e educacionais que relativizem as paisagens da atividade e os espaços geográficos lugarizados ou não.

Moraes (2008) aponta que o termo transdisciplinar foi criado por Piaget ao falar do aparecimento de um estágio superior, em que as disciplinas não se contentam em promover interações ou relações de reciprocidade, mas “necessitam estabelecer ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre elas.” (MORAES, 2008, p. 119). A transdisciplinaridade busca um aprofundamento pelo encontro de múltiplas interconexões entre as diversas disciplinas, visando superar as fronteiras do conhecimento disciplinar mediante a integração de conceitos e de metodologias.

Morin (2003) nos alerta que a falta de clareza epistemológica a respeito do que é conhecimento constitui uma das mais graves debilidades dos atuais sistemas de ensino. A visão que temos do mundo decorre da maneira como o conhecemos e o observamos, de como apreendemos e interpretamos a realidade ao nosso redor. Ao acreditar que nada é predeterminado ou determinado de fora para dentro, que a participação do sujeito é fundamental, e que não existe uma interpretação do mundo anterior à própria percepção (MORAES, 2008), estamos valorizando o diálogo aberto, as dialógicas da vida, a experiência, a autonomia, a construção coletiva e a solidariedade.

Segundo Moraes (2008, p. 123), “A transdisciplinaridade é aquele tipo de conhecimento que estabelece correspondência entre o mundo interior e o mundo exterior do sujeito”. Essa forma de pensar, estudar, pesquisar e compreender o espaço e seus fenômenos resulta nas interações dinâmicas entre os dois mundos (interior e exterior), levando consigo também os valores que permitem a (re)conexão dos diferentes saberes. É a integração da experiência objetiva com a subjetiva, revelando que somos seres complexos em nosso sentir, pensar e atuar na vida cotidiana.

O que propomos, momentaneamente, é compreender o Turismo enquanto um campo do conhecimento transdisciplinar motivador do conhecimento por se aproximar do local vivido, do cotidiano do sujeito-turista e sujeito-receptor, e que conecta o mundo econômico ao mundo ambiental. Conectando-se, por sua vez, com a vida em sociedade, e esta, com os domínios da mente e da cultura.

No entanto, sabemos que a transdisciplinaridade ainda é uma realidade longe das escolas brasileiras, mas que devemos seguir buscando. E, por isso, questionamo-nos, dentre as disciplinas, qual poderia emprestar um pouco do seu espaço para o Turismo, e assim se beneficiarem mutuamente?

A Geografia trabalha com as representações espaciais. Estas se constroem em cada sujeito, dialógica e recursivamente, entre as representações sociais e os conhecimentos geográficos articulados nas esferas científicas.

Conforme Costella (2008), as representações espaciais são pontos-chave para a compreensão do estudo da Geografia. Visto que a Geografia busca observar, descrever e interpretar o mundo, tanto o distante, quanto o próximo, faz-se necessário representar esse mundo. Por isso, e essencialmente na ação pedagógica, a Geografia é uma aprendizagem de representações.

Na ciência do olhar, cada vez mais, nós geógrafos nos damos conta de que a descrição é imbuída de representação. O olhar vê e expressa a realidade do espaço a partir dos conhecimentos de cada sujeito-pesquisador, matizando o observável de acordo com a cartela de cor desse sujeito-pesquisador. Se quisermos compreender a dinâmica do espaço geográfico, parece-nos, precisamos ser capazes de o representar o mais próximo de sua realidade (mesmo pelo questionamento do que é real).

O ato de representar é uma reconstrução, é um ato integrado a partir dos nossos conhecimentos prévios. Ele é complexo, pois tende a tecer o novo conhecimento à realidade existente, (trans)formando o novo em algo coerente. A representação também é uma entre inúmeras formas de descrição, permeada por processos simbólicos e históricos. É, assim, dinâmica, por ter estrutura móvel. Uma vez que a representação entra em nossas tramas mentais, ganha espaço e se torna um fio de uma malha maleável. Nesta, outros fios podem ser adicionados ou dispensados, para que, então, emergja a novas complexidades, ajustando-se ao curso da vida. Portanto, a sua (re)construção parece ser infinita.

Infinita e única, dado que o espaço tende a ser “uma representação de condição particular, pois cada um de nós imagina o espaço em função de características já organizadas mentalmente” (COSTELLA, 2008, p. 70). Desse modo, cada sujeito representa os espaços experienciados e não experienciados de formas distintas que se dimensionam a partir de seus intertextos, dos conhecimentos que cada sujeito construiu em sua formação formal e informal, na escola e na vida.

A representação é um ato cognitivo, na medida em que exige a associação de conhecimentos prévios à capacidade de mobilizá-los, para que, então, a realidade objetivada seja interpretada e administrada, refletindo as consequências das nossas ações atuais no momento posterior. Quanto mais conhecemos o espaço, melhor podemos representar a realidade inserida nesse espaço, compreender seus

movimentos atuais e prever os futuros.

Não temos essas representações apenas para explicar o mundo, mas agimos a partir delas, a partir do que elas nos aconselham que façamos em cada caso: não de como é a realidade, mas de como nós a representamos. Isso nos permite antecipar o que irá ocorrer e não ter que esperar que ocorra e, além disso, agir de maneira mais eficaz para nossos objetivos (DELVAL, 2007, p. 122).

Com isso, entendemos, nesse momento, a importância das representações espaciais, tanto no Ensino de Geografia, quanto no saber-fazer do Turismo e no estar-ser turista. Para que, assim, o conhecimento possa ser construído, para que as paisagens possam ser descobertas e lidas, para que possamos nos relacionar e tecer atitudes conscientes em nossas práticas cotidianas e nos eventos.

É uma construção interna, do sujeito, mas, como todo conhecimento é relacional, faz-se importante ressaltar que a interiorização recebe pressões externas, da relação do sujeito com o Outro e com o meio, que podem ser potencializadas nos encontros do turismo ou não: “Cada sujeito tem que realizar um trabalho pessoal de elaboração e reelaboração de seus próprios conhecimentos,” (DELVAL, 2007, p. 125). No entanto, “deve-se ter muito claro que o conhecimento é um produto da atividade social que se produz, se mantém e se difunde nas trocas com os outros” (DELVAL, 2007, p. 125). Ao nos relacionarmos, desequilibramo-nos e nos reequilibramos em um processo complementar, e, assim, construímos conhecimentos continuamente.

Acreditamos, nesse momento, que saber viver significa saber se relacionar, saber respeitar os Outros para uma convivência em sociedade, saber refletir sobre a política que se desenvolve em nossa comunidade. Como canta Paulinho da Viola, “[...] as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprenderⁱⁱⁱⁱ”. O aprendizado precisa ser significado e, para tal, há que haver uma mediação entre o mundo externo e o interno. Essa mediação, parece-nos, pode ocorrer em sala de aula ou fora dela, desde que se proporcione uma reflexão e uma prática conjugadas.

Assim, para que ocorra uma *educação* significativa, deve haver a construção tradutora do que está sendo conhecido e, para tanto, deve existir o conhecimento. O Sujeito necessita compreender como as organizações, os sistemas, produzem/criam, num contexto (complexo!) espaço-tempo, as qualidades fundamentais do Espaço Geográfico (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 3, grifo do autor).

Assim como o Turismo pode se apoiar na Geografia para entrar na educação formal, a Geografia pode aproveitar-se do Turismo para diversificar e dinamizar as saídas a campo, transpondo os muros escolares e se colocando mais próxima da vida cotidiana.

Penso que o intelectual tem de percorrer o caminho inverso: partir da realidade, da ação cotidiana, do povo e de nós mesmos, pois nós estamos imersos numa cotidianidade, refletir sobre essa ação cotidiana e, então, ir criando ideias para compreendê-la. E essas ideias já não serão mais ideias-modelo, serão ideias que irão se fazendo com a realidade (FREIRE; FAGUNDEZ, 1985, p. 21).

No segmento do Turismo de Estudos e de Intercâmbio, que trabalha com roteiros direcionados para viagens de estudo ou saída a campo, a relação do aprendizado em passeios vem gerando debates e mostrando uma rica relação. Muito se discutiu sobre as vantagens e desvantagens do *Petit Tour* e o *Grand Tour* na França do século XVI, devido ao fato de que muitos jovens se dedicavam mais aos “prazeres” nos lugares que visitavam, do que aos aspectos “educativos culturais”. Apesar disso, muitos filósofos, já da época, afirmavam que os resultados pedagógicos permitidos pela observação direta dos costumes, da política, do governo, da religião e da arte eram um complemento incontestável (BARRETTO, 1998, p. 50).

Parece-nos que, no Turismo, temos a oportunidade de realizar práticas, de conhecer teorias estudadas nos bancos escolares, de potencializar a abstração reflexiva por comparação do local visitado com o nosso.

Da Hora e Cavalcanti (2003) falam de um olhar de turista, em que sugerem que a “[...] conversão do olhar do residente para um olhar de turista, no sentido do deleite e da valorização do local, e de posterior reconversão que crie limites entre o fantástico e o real, possibilitando uma postura dialética diante do contexto e do ambiente visitado” (Da Hora e Cavalcanti, 2003, p. 208, grifo das autoras). E que deve ser apropriado pela educação. As autoras dissertam sobre o Turismo Pedagógico^{iv}, que trabalha com atividades na proposta de integração dos conteúdos vistos em aula com a prática em vivências a campo. Talvez seja por essa possibilidade do turista se inserir em um universo mais intenso vivencial, que ele possa se lugarizar, mesmo em um curto espaço de tempo.

Segundo Peccatiello (2005, p. 14), o sujeito “em viagem está aberto à aprendizagem, ao conhecimento, à descoberta, pois está circundado por um ambiente que não constitui seu cotidiano. O novo impressiona, provoca a curiosidade e o imaginário”. O ato de viajar parece estimular a capacidade de provocar mudanças nos sujeitos, devido à experiência e às diversas relações estabelecidas durante o percurso. Além disso, através do desequilíbrio dos conhecimentos já acomodados, alçar uma nova adaptação cognitiva.

Nós estamos no mundo. Nós estamos/somos natureza. Mas, volta e meia, esquecemos onde estamos. Então, se esquecemos, será que estamos? Algumas vezes precisamos nos reconectar. Muitos turistas voltam para casa sem se reconectar. Muitos alunos voltam para casa sem seu aprendizado. Será que esses sujeitos não exerceram suas possibilidades de uma reflexão, de uma representação espacial para a

vivência? Será que combinar especificidades da Geografia e do Turismo pode gerar o um terreno fértil para ambos?

As responsabilidades da Geografia para com o mundo são múltiplas, mas consideramos, nesse momento, que ensinar os alunos-sujeitos a representação do espaço é uma de suas mais significativas responsabilidades. Representar para que tenham as bases para serem sujeitos-cidadãos sensíveis e responsáveis, serem sujeitos-turistas zelosos e interessados, serem sujeitos-receptores articulados e coesivos. Afinal, como propõe Paulo Freire (1987), a práxis pedagógica se faz pela leitura, pela ação e pela reflexão dos sujeitos sobre o mundo a fim de transformá-lo. As coisas estão no mundo, mas precisamos aprender, para que possamos representar – para nos relacionarmos, interagirmos e estabelecermos comportamentos e ações que conduzam a um mundo melhor. O que, por sua vez, parece ser, cada vez mais, utópico, mas precisamos nisso acreditar.

Acreditamos, nesse momento, que o Ensino de Geografia deve privilegiar os aspectos que possibilitem um processo de aprendizagem de conhecimento e de exercício de cidadania; que capacite o sujeito para uma visão crítica e uma atuação consciente no espaço social, tanto como turista, quanto como residente. Parece-nos que a educação pode se apropriar da vontade do novo, do diferente, do interesse pela descoberta. Assim, trabalhando essas possibilidades de um olhar interessado, instigado, que está apto para interações, trocas de conhecimento, de experiências e de descoberta do ser, e que poderá acompanhar o sujeito ao longo de sua vida.

Ainda nesse contexto, almejamos que o Ensino de Geografia possa também viabilizar que o residente se aproprie do seu lugar com uma espécie de olhar de turista, (re)(des)cobrando o espaço, com a fruição idealizada que envolve o Turismo e que pode desvelar novas formas e relações na paisagem cotidiana.

Uma Geografia que esteja à altura desse denso cotidiano é necessariamente uma ciência com capacidade de operar a leitura dos lugares como *cenários fluidos de visitação*. A escola precisa destituir-se de seus referenciais fixos hegemônicos para retroalimentar-se como um cenário fluido de visitação por excelência (OLIVEIRA, 2010, p. 11-2, grifos do autor).

Dessa forma, a fim de iniciar um processo tanto investigativo, quanto teórico-prático, temos proposto para as prefeituras de municípios turísticos algumas oficinas sobre Turismo a serem trabalhadas no Ensino Fundamental tanto com os alunos quanto com os professores, a fim de que o tema tenha uma continuidade após as oficinas e seja inserido no processo de aprendizagem. As oficinas abrem um ciclo de conversas sobre o Turismo com perguntas mediadoras (MORAES, 2008).

Pensamos, nesse momento, que boas perguntas podem estimular os

estudantes a se interessarem pelo tema e revelarem sua capacidade de alcance de pensamento. Assim como, sua limitação a respeito do conhecimento, indicando um caminho para a condução da referida oficina. As perguntas mediadoras buscam proporcionar uma reflexão fecunda, a qual gere o relato de vivências e de opiniões. Propiciando, desse modo, a contextualização do tema e o pensar coletivo em busca de sugestões, soluções ou de novas perguntas sobre o fenômeno.

As perguntas mediadoras, portanto, devem favorecer a visão dinâmica e relacional dos fenômenos, os processos em estudos, explicitando possíveis interações, conexões e vínculos. É esta dinamicidade dialógica que dificulta a visão pré-determinada de um processo que, em vez de ser aberto, se apresentaria fechado (MORAES, 2008, p. 162).

Para a formulação das perguntas mediadoras, uma técnica sugerida por Moraes (2008) é a de listar, de um lado, “certezas provisórias” e, de outro, as “dúvidas temporárias” para que se inicie o diálogo e o engajamento dos envolvidos.

Essas oficinas versam com as perguntas mediadoras sobre qual é o Turismo de cada um, de quais são a Geografia e as histórias de cada um que poderiam ser compartilhadas, a etimologia da palavra, de como a atividade é estruturada e como vem sendo organizada no município, onde o Turismo acontece e onde poderia acontecer. Também propõem saídas a campo para visitar atrativos turísticos, nos quais devem acontecer atividades transdisciplinares conforme adesão de outros professores, construção de cartões-postais do Turismo vigente e de novas propostas para a atividade local. Para finalizar, momentaneamente, as oficinas têm apresentação de outras experiências turísticas, a fim de inspirar, engajar e motivar o empreendedorismo entre os adolescentes.

Acreditamos que os residentes de locais com a chamada vocação turística, ao praticar sua cidadania, possam se tornar sujeitos de transformação no processo turístico, recebendo, comercializando, interagindo com autoestima e promovendo atividades turísticas responsáveis. Apesar dos apelos do consumo e da globalização, parece-nos que o Turismo deverá resgatar as peculiaridades locais, fortificando identidades, protegendo sua natureza, de forma que as diferenças enriqueçam culturas. Também de forma que possibilitem encontros fraternos, ao mesmo tempo em que estimulem a tolerância entre os povos, independentemente de territórios, crenças, etnias e da diversidade do planeta Terra.

6 Resultados provisórios: o espaço da reflexão

Sugerimos, diante das análises realizadas do nosso estudo localizado em Garopaba, que os entre-lugares se estabelecem tanto para os

moradores, quanto para os visitantes, quando esses não conseguem negociar seus espaços, por terem suas estruturas identitárias frágeis e suas leituras de paisagem superficiais. Também, quando comparam os seus lugares e seus patrimônios com os dos Outros, assumem papel de inferioridade/superioridade social por inseguranças.

A partir da busca pela lugarização do sujeito-turista e do sujeito-residente, entendemos, nesse momento, que, quando nos lugarizamos, nossas relações com o lugar são de cuidado e de apreço, porque também passamos a fazer parte dele. Da pesquisa, fica a percepção que o sujeito pode se lugarizar. No entanto, sabemos que são tantos os caminhos de realizar a lugarização turística, quanto são os sujeitos que se inserem no movimento dos encontros fomentados pelo Turismo e pelo Ensino de Geografia.

Para um sujeito se lugarizar, parece-nos haver uma tendência da necessidade de conhecer o local, do sujeito se relacionar a fim de desvendar as confidências desse local, a construção e os significados de suas paisagens. Trata-se de um tempo lento de momentos compartilhados consigo, com os Outros, com o espaço.

No Turismo, toda a lugarização parece incluir des-re-locamento (sair do lugar, reencontrar um lugar), tocando diretamente aos envolvidos: quem já se encontra no lugar, quem chega, quem ficou no lugar de partida. Isso sugere que há uma intenção na ação, e essa ação solicita envolvimento. O deslocamento no Turismo é externo, mas, para a lugarização acontecer, há, parece-nos que necessariamente, um (re)deslocamento interno, um voltar para si, para sua identidade.

Além disso, sabemos que o lugar turístico é um lugar onde o turista consegue se territorializar, assim, quanto mais sentir o **pertencimento** do lugar, maior a chance desse turista querer voltar para reviver seus encontros. A comunidade receptora “deve” estar lugarizada também, indo além das racionalidades impostas pelos meios de divulgação, em uma reflexão ativa que pode ser aguçada pelo Ensino de Geografia.

Desse modo, sujeitos do destino turístico estarão enriquecidos por conhecimentos que sustentem suas identidades. Isso, por sua vez, encaminha-nos para que suas paisagens sejam reconhecidas e compreendidas por eles mesmos, para que então seus lugares possam ser negociados com os turistas, oportunizando encontros saudáveis e ricos para ambos.

Para a leitura da paisagem, temos a análise, nesse momento, que, quanto à sua efetivação, articulamos noções relacionadas à temporalidade, à espacialidade e ao Ensino de Geografia. Ressaltamos, no entanto, a importância da espacialidade, em uma vivência com sensibilidade. Parece-nos que o tempo que incorpora significado à paisagem e ao seu lugar é relativo a essa espacialidade, e aqui ressaltamos que compreendemos que o tempo de um turista pode ter uma densidade valorativa bem maior do que o tempo, em geral, corrido e habitual, do cotidiano.

Esse tempo do turista, e quiçá de quem encontra (ator local) esse turista, dialoga com o olhar do turista proposto por Da Hora e Cavalvanti (2003), como em um tempo metafísico que ganha minutos e horas, quando o sujeito se abre às pequenas manifestações do novo. Estas, por sua vez, permitem associar a paisagem do patrimônio local à memória afetiva, aos conhecimentos abstraídos e ao mundo vivido. Parece-nos que um caminho a ser desejado também é o da internalização da paisagem como inserção do sujeito no mundo, tanto o seu mundo, quanto o compartilhado com os demais, como nos sinaliza Besse (2006).

Parece também haver uma relação recorrente entre o estudo e o nível de complexidade na leitura das paisagens, sendo que, quem, dos sujeitos entrevistados, estudou até o ensino superior, demonstrou, de forma geral, uma leitura da paisagem mais conectada aos acontecimentos que configuram o espaço. Pensamos que, se quisermos compreender o mundo, compreender os seres e suas possibilidades, a atividade turística no contexto dos locais em que é a sua realidade, temos que olhar, cheirar, tocar, senti-los em sua complexidade, em uma reunião da realidade. Nessa reunião, as disciplinas estão indissociavelmente entrelaçadas, sem fronteiras demarcadas, na transdisciplinaridade, sem que, com isso, nenhuma área do conhecimento perca a sua identidade e a sua importância.

Pela nossa experiência profissional e pelas pesquisas que estudamos até aqui, a educação para o Turismo, geralmente, no Brasil, visa a dois enfoques: um de capacitar mão-de-obra para trabalhar para a atividade, e outro voltado à educação ambiental sem aprofundamento, apenas listando problemas ambientais, tais como, resíduos, poluição, desmatamento. Nas narrativas dos sujeitos entrevistados que trabalham com o Ensino de Geografia em Garopaba, verificamos que o mar, a praia e o Turismo não figuram enquanto temas desenvolvidos nas escolas em suas relações transversais e espaciais com os sujeitos-habitantes. Isso parece demonstrar que as escolas ainda não se atentaram para o Turismo ser, cada vez mais, a paisagem cotidiana de seus lugares, assim como de muitos outros lugares brasileiros.

Creemos, nesse momento, que o Ensino da Geografia deve valorizar as experiências do dia-a-dia, as diversidades das paisagens e dos sujeitos, a identidade do seu lugar. Se não temos nossas bases identitárias sólidas, tendemos a ver o Outro como superioridade e nos perdemos de nós mesmos, bem como de tantos encontros possíveis da nossa caminhada.

Devido a esse contexto, acreditamos que os diálogos escolares devem abarcar o cotidiano local, assim como, o Ensino da Geografia deva educar para o Turismo quando essa atividade faz parte do contexto local, para o estar-ser turista ou receptivo, para a lugarização, para a leitura da paisagem, e, assim, também para a vida. O que tem se mostrado ainda ser uma lacuna na maioria das escolas brasileiras. Pensamos, igualmente, que a educação deve ser também uma indicação na caminhada da vida.

7 Referências

BARRETO, M. O Grand Tour revisitado. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.). Turismo com ética. 2. ed. Fortaleza: UECE, 1998. p. 132-139.

BESSE, J-M. Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 239-243.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e Espaço: reflexões necessárias na pós-modernidade. In GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Orgs.). Turismo na pós-modernidade: (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 43-50.

CASTROGIOVANNI, A. C. A geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação. 2004. 335 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Curso de Pós-Graduação de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-97.

COSTELLA, R. Z. O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais. 2008. 203 f. Tese (Doutorado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CROUCH, D.; ARONSSON, L.; WAHLSTROM, L. Tourist encounters. *Tourist Studies*, p. 253-270, 2001. Disponível em <<http://tou.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/3/253>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

CORNELL, J. Vivências com a natureza 2: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008.

DA HORA, A. S.; CAVALCANTI, K. B. Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003. p. 207-227.

DELVAL, J. Aprender Investigando. In: BECKER, F.; MARQUES, T. B. I. (Org.). Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 119-135.

- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P.; FAGUNDEZ, A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004 / 5ª ed. 2009.
- GUARESCHI, P. *Psicologia Social e Representações Sociais – Avanços e Novas Articulações*. In: VERONESE, M. e GUARESCHI, P. (Org.). *Psicologia Social do Cotidiano – representações sociais em ação*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17-40.
- MENESES, U. T. B. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 2 ed, 1999. p. 88-99.
- MENESES, U. T. B. A paisagem como fator cultural. In: YÁZIGI, E. (org). *Turismo e paisagem*. São Paulo, Contexto, 2002. p. 29-64.
- MOESCH, M. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MORAES, M. C. *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar práticas educacionais*. São Paulo: Antakarana/WHH-Willis Harman House, 2008.
- MORIN, E. Da Necessidade de um Pensamento Complexo. In: MARTINS, F. M. e SILVA, J. M. (Org.). *Para Navegar no Século XXI*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2000a. p. 13-36.
- _____. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2ª ed., 2000b.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, M. C. *Representações sociais do Turismo na praia do Campeche – Ilha de Santa Catarina: por uma abordagem interdisciplinar*. 2003. 403 f. Tese (Doutorado em Geociências), Curso de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- PECCATIELLO, A. F. O. *Turismo pedagógico como estratégia de ensino-aprendizagem sob a ótica dos parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental*. *Revista Global Tourism*, n. 2, 2005, s. p.
- PIMENTEL, M. R. *Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística*. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, A. B. Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 2^a ed., 1999.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 4 ed., 2008.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ⁱ N.T.: “In encountering space the tourist also encounters her – or himself” (CROUCH et al., 2001, p. 255).

ⁱⁱ N.T.: “[...] that is, lay knowledge, or, in terms of space, a lay geography” (CROUCH et al., 2001, p. 255).

ⁱⁱⁱ Música: Coisas do mundo minha nega, composição: Paulinho da Viola.

^{iv} O Turismo Pedagógico é uma das conceituações do segmento de Turismo Estudos e de Intercâmbio, que o Ministério do Turismo (2006) define por “constituir-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional”.